

ESCUITA: ARTE DO FUTURO

Prof. Dr. Edmon Neto de OLIVEIRA [UniAcademia]
Prof^a Dr^a. Lia Duarte MOTA [PUC-Rio]

Organizadores

A tradição oral dos povos yanomami, que ocupam a região norte do país, refere-se aos textos escritos pela cultura grafocêntrica ocidental como **peles de palavras**. Esse termo aparece na monumental **A queda do céu** (2015), obra assinada pelo antropólogo francês Bruce Albert e o xamã yanomami Davi Kopenawa. As peles de palavras são tudo aquilo que os homens escrevem no papel, assim como esse livro de fôlego, publicado em 2010 na França e vertido ao português em 2015.

O que chama a atenção, em um primeiro momento, é que a expressão yanomami para o objeto livro é uma analogia com o corpo no qual a palavra já se encontra. Assim, em uma cultura ágrafa como a yanomami, palavra é carne. Tudo o que se aprende em **A queda do céu**, além disso, se deve ao contato que Bruce Albert manteve com a tribo de Davi Kopenawa durante anos, conquistando a sua amizade num gesto de doação e escuta; trazendo a público um conhecimento originário que, além de nos fazer repensar as nossas bibliotecas, nos coloca diante de uma velha dicotomia entre palavra escrita e palavra falada. Em um momento em que tudo já fora dito sobre essa dicotomia, talvez seja a hora de pensar na fusão dessas duas manifestações da cognição humana.

Quais são os impactos de uma literatura que se desprende, em maior ou menor grau, da hegemonia do signo escrito em uma sociedade grafocêntrica? A intensificação da influência das imagens em um mundo marcado pelas tecnologias de informação e comunicação vem mudando o contato com a cultura literária e a própria produção de literatura. Mesmo que a discussão em torno do desaparecimento do livro no início do século XXI não tenha confirmado a derrocada do suporte em papel, parece que ao mesmo tempo

que as grandes editoras vêm percebendo uma mudança com relação ao público leitor e passando, por exemplo, a investirem em celebridades digitais que angariam leitores cujas necessidades não estão atreladas exclusivamente ao cânone, também existem escritores que, desvencilhando-se da reificação de suas imagens e obras, utilizam-se do corpo como instrumento de integração a uma cultura expandida da literatura, muito porque performatizam algo como vivências cuja visibilidade envolve afirmações identitárias e/ou dissidentes.

Também proliferam clubes do livro, editoras que oferecem obras indicadas por escritores de maior expressão no circuito nacional, booktubers com milhares de seguidores ávidos por conhecerem novos títulos e uma vasta e inexplorada cultura cibernética que ainda constrói com o objeto livro uma relação fetichista e mercadológica. Por isso mesmo não é possível dizer que hoje o número de leitores diminuiu; pode-se no máximo investigar qual é a natureza dessa recepção, bem como as necessidades de novos leitores.

No entanto, por mais que o ciberespaço esteja em processo contínuo de ampliação de sua influência para uma cultura literária de modo não hierarquizado e seja, hoje, a plataforma mais eficaz de divulgação de projetos, eventos, lançamentos de livros, saraus etc., é fora dele que a presença dos artistas e escritores se faz de modo premente, como forma de divulgação de trabalhos específicos, mas sobretudo como modo de se apresentar por meio de performances cuja relação arte/vida ou estética/política vem sendo marcada de modos eticamente particulares.

Muitos eventos que envolvem leituras performáticas têm sido reconhecidos como espaços em que autores têm a possibilidade de apresentar seus trabalhos de maneira a priorizar o corpo como canal entre seus textos e os espectadores. Eventos como o **CEP 20.000** no Rio de Janeiro, organizado pelo poeta Chacal, como a **Cooperifa** em São Paulo e como o **Eco Performances Poéticas**, que ocorreu entre 2008 e 2017, na cidade de Juiz de Fora, têm demonstrado que a palavra escrita está longe de desaparecer, mas ao mesmo tempo ela pode se manifestar na contramão das editoras convencionais ou até mesmo na integração a elas a partir desses eventos.

É natural também que novos escritores surjam desses espaços com publicações experimentais, alternativas, livros de artistas fora dos padrões dos circuitos das editoras comerciais. Além disso, mesmo com publicações muitas

vezes de alcance limitado, esses escritores mantêm-se ativos na ocupação de espaços, na participação em uma vida literária na qual a sua presença é imprescindível. Assim, a performance marca a produção de uma literatura que se faz no trânsito entre sistemas semióticos diferentes e constrói uma concepção renovada para aquele que teve a sua “morte” decretada em 1968 por Roland Barthes.

Se a literatura, portanto, segue “viva”, é graças à redução dos custos de produção e à recriação de uma cena literária na qual os autores podem performatizar o texto por meio da voz. Paul Zumthor (2007) insiste que a performance englobe a recepção do literário, à medida que há uma percepção sensorial, uma experiência de sentido na leitura, que engaja todo o corpo. O prazer do texto, que significa ser afetado por ele, é algo manifesto em vibração fisiológica. É desse modo que o corpo se faz presente, atuante, parte essencial da leitura.

Mas não é apenas na leitura que o corpo se apresenta. São inúmeros os estudos sobre o funcionamento do corpo humano que permitem concluir o quanto o corpo todo se engaja em qualquer ação, ainda que seja aquela que envolve o menor número de movimentos possíveis. É fato que, durante a escrita, assim como na leitura, todo o corpo se prepara, coloca-se em prontidão específica, dos dedos do pé ao topo da coluna, realiza contrações e sinapses intermináveis. É assim que a escrita acontece.

Desde o início do século XX, artistas de todas as linguagens se empenharam na busca por trazer o corpo – um corpo outro – ao trabalho artístico. Se é possível dizer de modo conciso que as vanguardas se dedicaram a romper com os limites entre arte e vida e com uma ideia de obra acabada, as décadas seguintes são marcadas por artistas que dão visibilidade ao corpo no processo de criação. É, dessa maneira, que Pollock desenvolve a sua *action painting*, fazendo com que o ato de pintar seja tema e que o corpo se empenhe de modo impetuoso na obra. Pollock envolveu todo o corpo na pintura, fez usos de outros objetos, que não somente o pincel, debruçou-se sobre a tela estirada no chão. Já Kaprow criou os *happenings*, feitos a partir de colagens de acontecimentos, marcados pela espontaneidade e pelo acaso, incitado pela crença de que um trabalho de arte deveria envolver o máximo de elementos sensoriais e dar mais responsabilidade ao espectador.

Yves Klein quis pintar com, e foi assim que pintou, publicamente, algumas telas com corpos de mulheres, abrindo mão do pincel e fazendo do processo parte da obra. Klein também eternizou suas impressões sobre o vazio com o seu salto, referência crucial para a arte de performance, salto que serve de recurso para o trabalho de colagem que é a capa deste dossiê. Nesse caso, Klein fez do próprio corpo obra, uma ação que integrou um protesto aos limites que se impõem e são impostos ao artista e uma tentativa de demonstrar que “a arte era uma concepção de vida” (GOLDBERG, 2012, p. 182).

Ainda nesse período, a *body art* coloca o corpo do artista como material para que a obra ocorra. Além do viés estético inerente à proposta, há também um viés ético: dar foco à personalidade e aparência do artista, fazer pública a vida íntima, a biografia, a memória privada e questionar valores coletivos e tradições que definem o comportamento em sociedade, que nada tem de coerente e neutro.

Em todos os casos, o que fica evidente é a relevância que ganha o corpo. E é nessa perspectiva que este dossiê deve ser lido, tendo o corpo como lugar em que perceptos e afectos se dão, em que tudo acontece. Ou, de modo não excludente, mas de complementação, em um estado constante de produção de corpo e de subjetividade, de exteriorização do interior, não como algo descolado de si, mas um interior trazido à superfície da pele, como fala Lygia Clark de suas inquietações sobre o processo de criação.

No enalço de uma noção de corpo ativo e preparado, em total estado de atenção para um máximo desempenho, atuante e parte do processo de escrita e de leitura. Segundo Vilém Flusser (2010), a escrita é ação de inscrever, fazer uma incisão no material que se pretende expor um signo, é alterá-lo, retirar parte dele. É uma ação que age contra, um modo de livrar-se de uma resistência imposta e, no mesmo ato, dar-lhe uma forma.

Levando tudo isso em conta, os textos avaliados e selecionados para este dossiê da Revista **Verbo de Minas**, intitulado **O experimento na literatura – diálogos com a arte de performance**, transitam entre muitos caminhos possíveis que envolvem o presente compartilhado e/ou a presença radicalizada.

No artigo que abre este dossiê, intitulado **A narrativa performática *Da Cabula*, de Allan da Rosa e considerações sobre a dimensão performática**

nas **Artes da palavra preta e Edições Toró**, trabalho assinado por Karina Lima Sales, analisam-se as ações do escritor Allan da Rosa a partir da perspectiva da performance cultural. Embasada na teoria de Richard Schechner e Graciela Ravetti, a autora percorre uma trajetória analítica que evoca a própria história do teatro – gênero no qual a obra eleita como *corp*us analítico é escrita –, trazendo para a sua discussão questões sobre negritude, escrita a várias mãos, bem como os conceitos de **transgênero performativo**, **transarquivo** e **transescritura**.

Em seguida, o trabalho de Paulo Alberto da Silva Sales volta-se para um dos poetas fundamentais da contemporaneidade: Carlito Azevedo. O artigo **A expansão da poesia em Livro das Postagens** analisa a publicação de 2015 do poeta carioca, levando em consideração o procedimento que ali é empreendido em termos de criação e montagem poética. Partindo da ideia de Florencia Garramuño, segundo a qual existe uma “inespecificidade na arte contemporânea”, o artigo traz à tona o debate em torno da literatura e da teoria em campo expandido, algo que vem sendo gestado desde a década de 1970 nas artes visuais e, mais recentemente, pensado pela literatura.

Já o artigo de Pedro Bustamante Teixeira apresenta a relação entre literatura e cultura, por meio de leitura do conto **O concerto de João Gilberto no Rio de Janeiro**, de Sérgio Sant’Anna. O articulista repensa a trajetória dos estudos culturais no Brasil, levando em conta estudiosos como Mário de Andrade, Idelber Avelar e José Miguel Wisnik, criando leitura revigorante desse conto que coloca, frente a frente, o ícone maior da bossa nova e o ícone da performance musical, John Cage.

Ao refletir sobre práticas pedagógicas, o artigo de Luiza Ferreira de Souza Leite propõe novas epistemologias em **Do espaço à página**: a performance como procedimento de escrita colaborativa. A partir da influência do trabalho intermídia do Grupo Fluxus – fundado na década de 1950 –, bem como do conceito de “saberes situados”, da antropóloga Donna Haraway, o trabalho da articulista busca, por meio de intervenções no cotidiano escolar, fortalecer as relações entre os alunos.

Em **O corpo político do rap**: espaço de resistência, Cilene Margarete Pereira analisa tanto as composições de grupos conhecidos da cena brasileira, como Racionais MCs, Emicida e Criolo, como também a de grupos menos

projetados, como Clã Nordestino, Gíria Vermelha e Realidade Cruel. Nesse trabalho, a autora lê as obras como canções de protesto, na medida em que elas são capazes de criar uma consciência social, já que promovem denúncias da exploração a que estão submetidos os sujeitos periféricos.

Moema Rodrigues Brandão Mendes e Emânia Aparecida Rodrigues Gonçalves assinam o artigo **Corpo e performance construídos na alteridade**: estudo dos contos inéditos de Maria De Lourdes Abreu de Oliveira. As autoras mergulham nos manuscritos da escritora mineira e pensam, a partir de dois contos ainda não publicados, a construção social do corpo feminino e a morte como libertação.

Outros dois trabalhos merecem vir a público. O primeiro deles é **Teoria e(m) processo**: apontamentos sobre a produção de uma ficção especulativa, assinado por Tiago Horário Lott e Alexandre Graça Faria. Trata-se de uma tese de doutorado em desenvolvimento, incluída na linha de pesquisa sobre escrita criativa da UFJF. No artigo, os autores, além de recorrerem a áreas pouco exploradas das humanidades, como a paleoantropologia, refletem sobre o processo de criação e orientação de uma tese, construída no gênero romance.

O segundo trabalho também é oriundo de tese de doutorado em desenvolvimento. **Beckett & Bellatin**: potencialidades performáticas dos autores e seus corpos, de Thiago Berzoini e Enilce Albergaria Rocha, é uma leitura aproximativa entre os dois autores, cujo foco se concentra em seus corpos como produtores de suas respectivas obras.

A seção de artigos temáticos continua com dois textos assinados pelos organizadores. Lia Duarte Mota, em **Saída : dispersão : contrafuga**, parte da definição de abatedouro construída por Georges Bataille na seção Dicionário crítico, da revista "**Documents**", de 1929, para refletir sobre a força da palavra e sua possibilidade de ação, logo, a performatividade presente no discurso do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, feito no dia 7 de abril de 2018, pouco antes de sua prisão, decretada após um julgamento tendencioso, falho e sem provas.

Edmon Neto de Oliveira, em **A medicina do riso**, analisa uma palestra e alguns escritos de Roberto Corrêa dos Santos, cuja concepção de arte está vinculada a um gesto amplo e cotidiano, no interior do qual é possível extrair o confortável e o não confortável de uma vida de artista. O riso aparece na leitura

que Corrêa dos Santos faz de **Elogio da loucura**, de Erasmo, atitude que circunscreve a escrita do artigo.

O poeta André Capilé, ainda, assina o texto **Da fala ao músculo** : : atletas de alta performance, que encerra o dossiê temático. Trata-se de um trabalho poético e performático, na fronteira entre ensaio, teoria e texto literário, que reflete sobre a saúde da voz nas situações em que se exige concentração, sem a qual o sucesso do emissor fica comprometido.

Há, por fim, a seção **Varia**, que traz três artigos. **A “biografia” utópica de Invenção de Orfeu, de Jorge de Lima**, de Luciano Dias Cavalcanti; **Mar paraguayo**: antropofagia e linguagem em delírio, de Gabriel Moreira Faulhaber; e **Jornalismo literário**: do meio impresso ao eletrônico, de Mariana Mendes Flores.

Esperamos que este dossiê possa contribuir para os estudos da performance em diálogo com a literatura. Desejamos a todos uma ótima leitura.

REFERÊNCIAS

ALBERT, Bruce; KOPENAWA, Davi. **A queda do céu**: palavras de um xamã yanomami. Tradução Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

FLUSSER, Vilém. **A escrita**. Há futuro para a escrita?. São Paulo: Annablume, 2010.

GLUSBERG, J. **A arte da performance**. São Paulo: Perspectiva, 2009.

GOLDBERG, R. L. **A arte da performance**. Lisboa: Orfeu Negro, 2012.

ZUMTHOR, P. **Performance, recepção, leitura**. São Paulo: Cosac Naify, 2007.